



Agro forte. Brasil forte



CAFÉ POINT



RESULTADOS

PESQUISA CAFEPOINT
SAFRA CAFEEIRA 2018

Pesquisa Safra Cafeeira 2018

A pesquisa foi realizada pelo CaféPoint e pela Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). A coleta das informações foi *on line* e durante a Semana Internacional do Café de 2018, por meio do formulário que ficou disponível de 04/10 a 23/11 de 2018. Nesse período foram coletadas 282 respostas, que após a análise da consistência dos dados foram reduzidas a 280 passíveis de serem analisadas.

Quanto às espécies cultivadas, 93% das respostas vieram de produtores de café arábica (*Coffea arabica*) e 7% de produtores de café conilon (*Coffea canephora*).

Juntos, os respondentes somam 18.427,59 hectares de café em produção, que representa 1% da área com café no Brasil.

Foram obtidas respostas de produtores de 143 municípios distribuídos nas principais regiões produtoras do país. Do Sul de Minas vieram 37% das respostas, das Matas de Minas 23%, do Espírito Santo 12%, do Paraná 9%, do Cerrado Mineiro 8%. As demais regiões produtoras contribuíram com 11% das respostas (Figura 1).

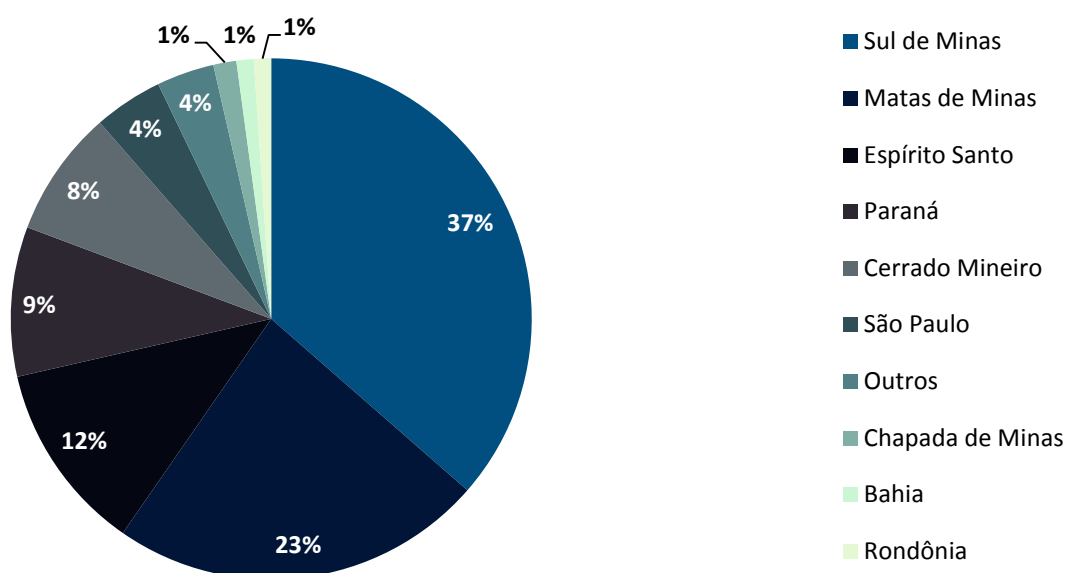


Figura 1. Regiões que participaram da pesquisa de opinião Safra Cafeeira 2019.

Perfil fundiário

As informações fornecidas na pesquisa confirmam a contribuição das pequenas propriedades para a cafeicultura. Com base nas respostas dos informantes, é possível verificar que 66% deles possuem menos de vinte hectares, 11% encontram-se entre 20 e 40 hectares, 6% entre 40 e 60 hectares, 5% entre 60 e 80 hectares e 12% acima de 80 hectares (Figura 2).

Vale destacar que devido ao tamanho da amostra, as informações não possuem cunho científico e não devem ser utilizadas como informações oficiais. Porém, essas informações possuem similaridade com as levantadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – que é a fonte oficial de informação – e aponta uma grande contribuição das pequenas propriedades na cafeicultura.

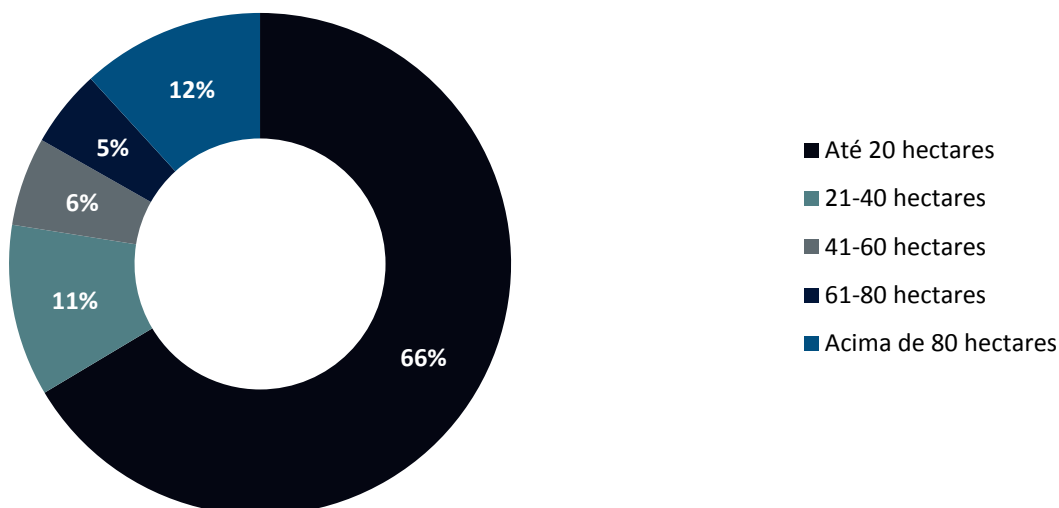


Figura 2. Distribuição do tamanho das propriedades dos respondentes em faixas (hectares).

Desempenho da produção e da qualidade

Como reflexo da bienalidade positiva e das boas condições meteorológicas da safra de 2018, 68% das pessoas verificaram aumento da produção em relação à safra anterior. Além disso, 16% obtiveram produção similar a da safra de 2017 e 16% verificaram uma redução na produção. Com base nas respostas, pode-se concluir que 84% verificaram uma produção igual ou superior a da safra colhida em 2017 (Figura 3).

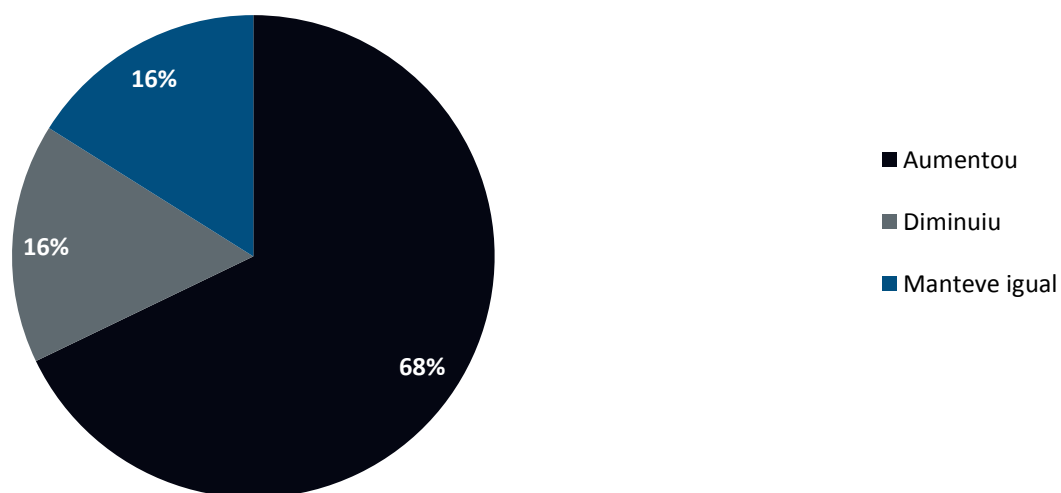


Figura 3. Variação na produção verificada pelos respondentes na safra de 2018 em relação à colhida em 2017.

Além de ser a grande maioria, verifica-se que os aumentos relatados ocorreram a taxas superiores aos relatos de redução (Figura 4). Esses resultados refletem o aumento de produção verificado na terceira estimativa de safra da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), que aponta um aumento de 33,2% entre a safra de 2017 e 2018.

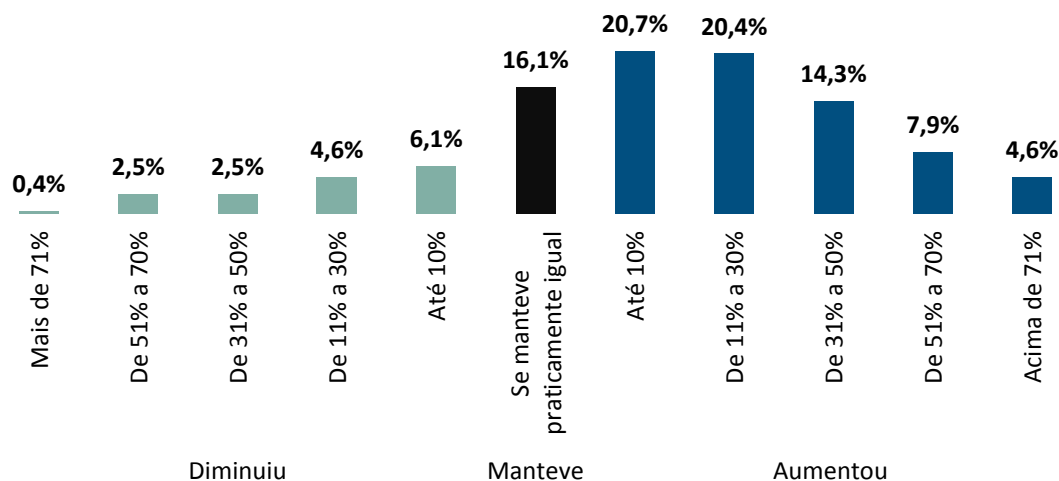


Figura 4. Níveis de variação na produção verificados pelos respondentes entre as safras colhidas em 2017 e a de 2018.

Quanto à qualidade, os resultados refletem o que tem se verificado nos diversos concursos de qualidade realizados no país. As informações fornecidas apontam um incremento significativo da qualidade. Isso se justifica pelas boas condições meteorológicas durante o período de colheita. Sem a ocorrência de chuvas que comprometessem os resultados qualitativos, 68% das pessoas afirmaram que a qualidade do café colhido, em 2018, foi superior ao colhido em 2017, 23% dos respondentes afirmam que a qualidade permaneceu igual e apenas 9% disseram ter verificado uma produção com qualidade inferior a da safra colhida em 2017 (Figura 5).

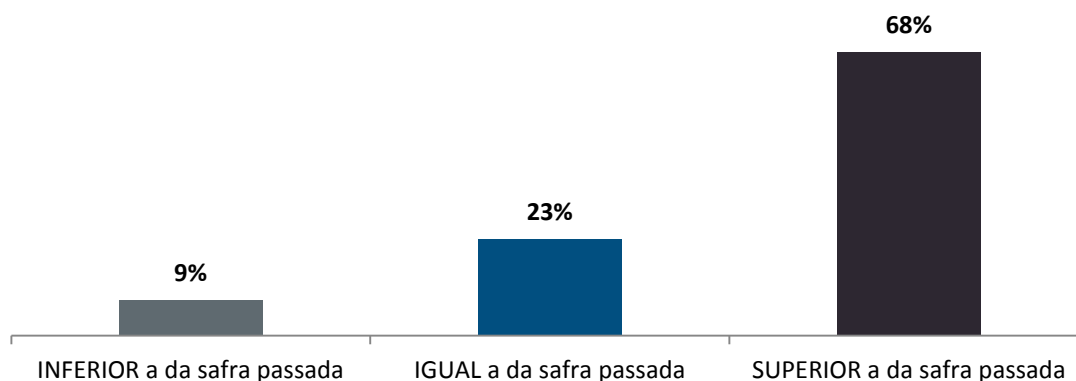


Figura 5. Variação da qualidade da produção verificada pelos respondentes entre as safras colhidas em 2017 e 2018.

Tecnologia de Colheita e Pós Colheita

A tecnologia de colheita apontada pelos respondentes foi condizente com as condições topográficas e fundiárias dos participantes da pesquisa. Devido aos cultivos em declive, a mecanização ainda não é uma realidade da maioria das regiões produtoras de café do Brasil. Além disso, propriedades pequenas, mesmo que em boas condições topográficas, são inviabilizadas financeiramente de adquirirem máquinas para a colheita, devido ao alto investimento necessário para compra desses equipamentos.

Com isso, os métodos manuais de colheita foram maioria. A derrça manual e por derrçadora acoplada ao corpo corresponderam por 31% dos apontamentos, cada uma delas. A colheita manual seletiva foi responsável por 11% dos apontamentos. A colheita mecanizada correspondeu por 27%. Assim, os métodos manuais e semimecanizados de colheita foram responsáveis por mais de 73% dos apontamentos.

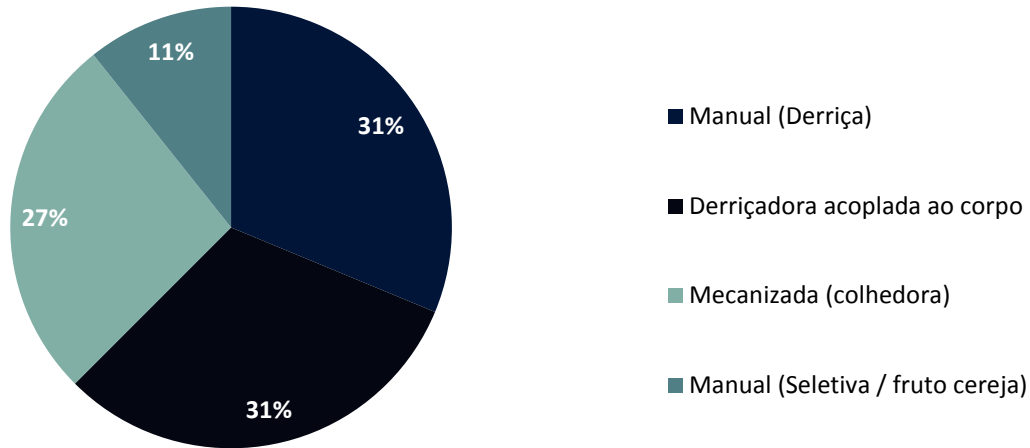


Figura 6. Métodos de colheita que foram utilizados na colheita de 2018 e apontados nas respostas durante a pesquisa.

Quanto as tecnologia de secagem, elas são condizentes com a tradição brasileira na produção de café natural. Isso fica evidente no predomínio dos terreiros de asfalto e cimento e dos secadores mecânicos entre os métodos de secagem.

Os terreiros de cimento ou asfalto corresponderam por 44,2% dos apontamentos, seguidos pelos secadores mecânicos que corresponderam por 30,4% das afirmações. A cama africana (terreiro suspenso) ocupou a terceira posição com 12% dos apontamentos. Os outros 13,4 % foram divididos entre as estufas e terreiro de chão batido.

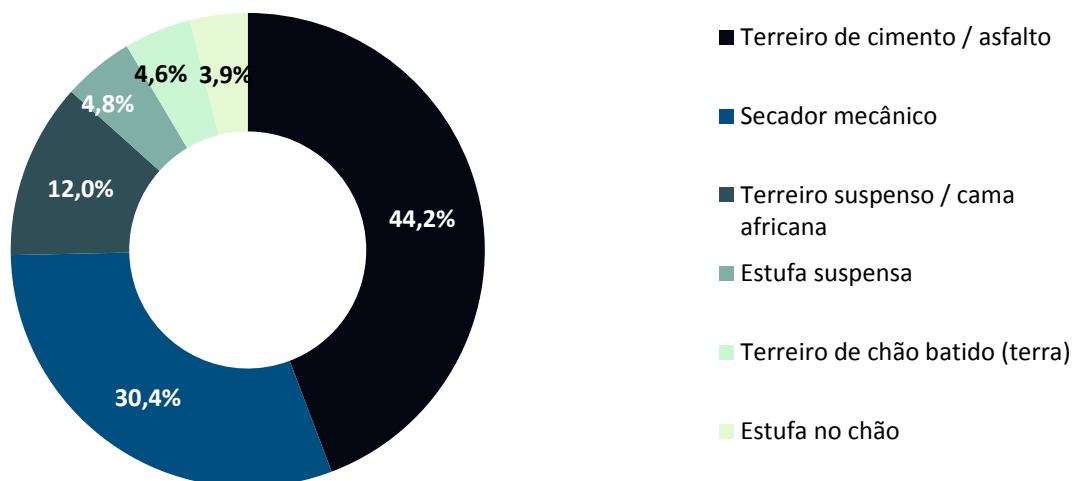


Figura 7. Distribuição dos métodos de secagem do café utilizados na colheita de 2018 e apontados nas repostas da pesquisa.

Deve-se observar que na análise dos métodos de colheita e secagem foi utilizado o termo apontamento. Deve-se ao fato dos respondentes poderem selecionar mais de uma opção. Então, os percentuais não remetem diretamente ao número de respostas.

Pragas e Doenças

A ferrugem (*Hemileia vastatrix*) foi a doença foliar que mais predominou na safra entre os apontamentos dos produtores respondentes (36,2%). Os bons níveis pluviométricos e a alta carga de frutos são assinalados pela literatura como fatores que favorecem o desenvolvimento da doença. Como a safra foi de bionalidade positiva e com boas condições meteorológicas entre dezembro de 2017 e abril de 2018, pode-se atribuir a esses fatores a alta incidência dessa doença relatada.

Quanto às pragas de ramos, o bicho mineiro (*Leucoptera coffeella*) foi o que mais se destacou com 22,8% dos apontamentos. A ausência de chuva durante os meses da colheita, possivelmente, favoreceu o desenvolvimento dessa praga.

Com um percentual muito similar (22,6%), destacou-se a broca-do-café (*Hypothenemus hampei*) como praga dos frutos. A evolução dos ataques por broca tem sido recorrentes nas últimas safras. Devido à característica de traslado, sobrevivência na entre safra e a ausência de produtos químicos de supressão massiva dessa praga, era esperado ocorrências significativas de ataque para essa safra.

As demais pragas e doenças como mancha de olho pardo (*Cercospora coffeicola*), cochonilhas da parte aérea e das raízes, nematoides e phoma foram responsáveis pelos 18% dos demais relatos (Figura 8).

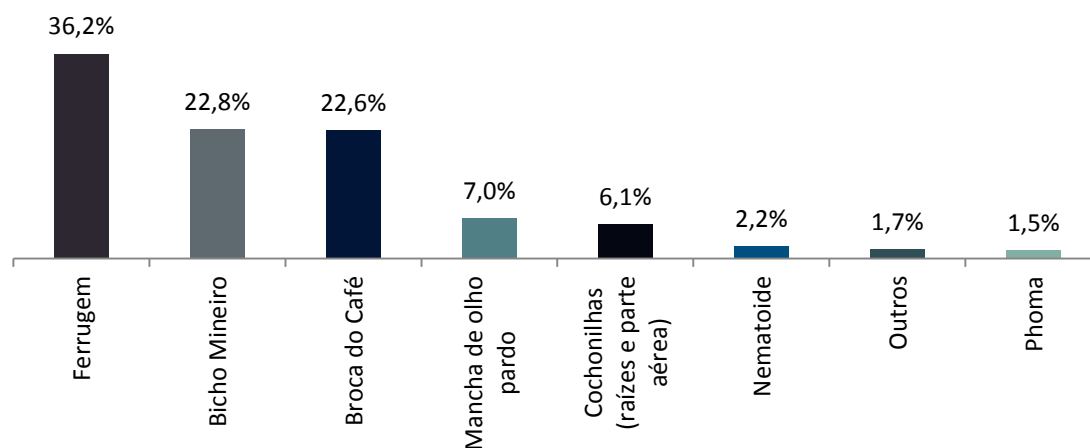


Figura 8. Percentual de apontamentos de ataque de pragas e doenças durante a safra de café colhida em 2018.

Da mesma forma que ocorreu com as tecnologias de colheita e pós-colheita, os respondentes tiveram a possibilidade de selecionar mais de uma opção. Por isso, os valores percentuais foram tratados como apontamentos.

Quanto ao uso de agroquímicos no controle de pragas e doenças, verifica-se que 88% das pessoas disseram utilizar agroquímicos e 12% dos informantes disseram não utilizar agroquímicos (Figura 9).

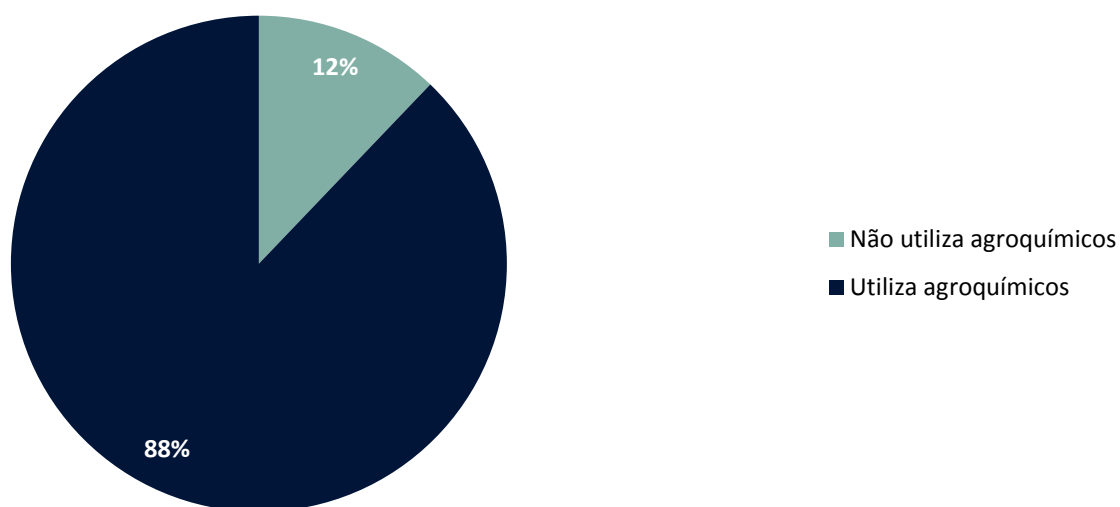


Figura 9. Percentual de informantes que usa ou não agroquímicos no controle de pragas e doenças.

Comercialização

Quanto à forma de comercialização, as pessoas foram questionadas sobre a realização ou não da venda futura da produção. Com base nas informações, foi possível observar que 64% dos respondentes não realizam a venda futura da produção. Isso indica que esses produtores comercializam no momento da colheita, ou fazem a armazenagem na propriedade para posterior comercialização no mercado físico. Dos 36% que afirmam realizar a venda futura, 23% a realizam com as cooperativas, os 13% restantes fazem uso de outras formas de venda futura como nos mercados de valores por meio das corretoras.

Esse cenário é preocupante no que se refere a gestão de risco. Ao considerar as oscilações cíclicas, sazonais e voláteis do preço no mercado internacional, a comercialização futura é um mecanismo importante para gestão de risco e garantia da renda e deve ser considerada.

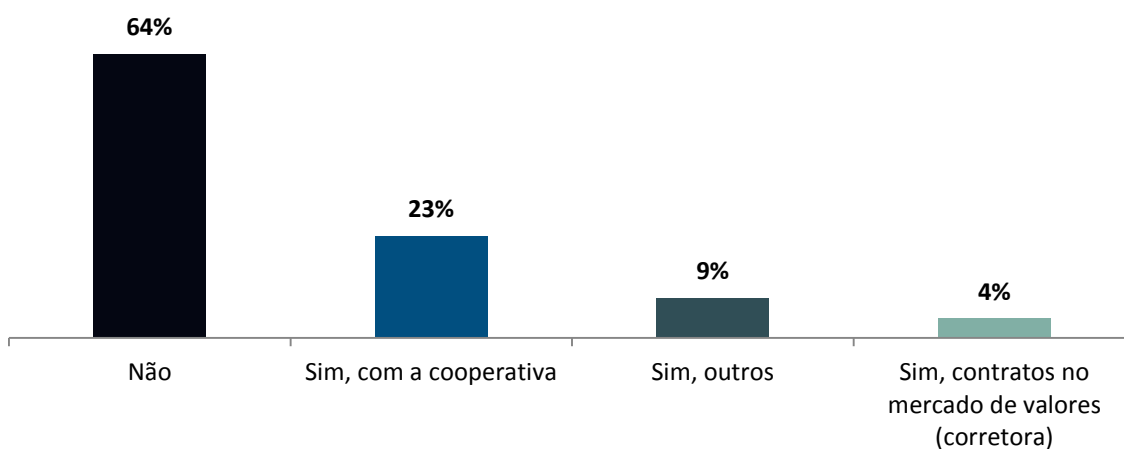


Figura 10. Descrição da realização ou não de venda futura da produção.



Agro forte. Brasil forte



CAFÉ POINT

cnabrazil.org.br | www.cafepoint.com.br